

“Da imersão no real à racionalidade epistemológica: uma viagem”

Paulo Roberto de Sousa Lima, Sociólogo, Presidente do IHG-SJDR.

Oração proferida em 06-032020, ao assumir como Acadêmico honorário

Prezado Presidente, Acadêmico Epistêmico-Fundador João Bosco de Castro,

Senhores confrades desta insigne Academia Epistêmica de Mesa Capitão-Professor João Batista Mariano – MesaMariano e Fundação Guimarães Rosa.

Agradeço a escolha para me tornar membro honorário desta Casa, o que muito me honra. Desde o convite tenho me inquirido, no espelho da humildade franciscana que tento perpassar em minh'alma, se não haveria um outro melhor para assumir tal encômio. Reafirmada a escolha por convite formal, aqui me coloco diante de todos os membros desse sodalício, com a disposição de demonstrar que chegar até aqui tem sido uma caminhada persistente para fora da imersão na realidade da vida em transcendência pela busca do conhecimento.

Aproveito para contar-lhes, e a mim mesmo, uma história de esforço para caminhar nas trilhas do aprimoramento científico. Não que me considere ainda um cientista, mas acredito ser um pensador que busca refletir sua condição humana em um mundo, hoje apocalíptico, e no qual procuro manter a duras penas a sanidade. O conhecimento abre janelas na alma, como afirma Rubem Alves. E busco descobrir quantas janelas ainda tenho que abrir para estar preparado para um dia chegar à plenitude de poder repousar na Glória do Senhor, nosso Deus, e então observar a infinitude do Universo. Ah, quanto saber ainda será preciso para a alma estar apascentada para seu destino ontológico...

Olho para minha história e me vejo menino de fazenda, maravilhado com a criação do mundo em miríades de dimensões a aprender e que, em criança, conseguia reduzir tudo à dimensão do usufruto. O cheiro do capim molhado da chuva e o do couro de vaca curtido que servia de descanso nas noites escuras; a

brancura e o gosto do leite na caneca, tomado de manhazinha debruçado na cerca do curral de frente da casa, pois assim são as casas mineiras das pequenas fazendas; o crepitar da chama no fogão de lenha e o calor do forno redondo de assar biscoitos e brevidades; o prazer de nadar na água tépida do rio Verde Grande, que se espraiava nas várzeas da fazenda do Sapé, onde catávamos grandes búzios onde se podia ouvir um barulho como que do mar quebrando na praia (e o poeta cantou que é bonito, é bonito!). Pensar, pra que? Viver era bastante!

Mas como não há mal que sempre dure, o bem um dia se acaba. Vim para a cidade. Tive que trabalhar para sobreviver e descobri a importância de estudar. Não que gostasse, mas a necessidade faz o monge. Do ensino primário, com admissão, ao início do ginásio em colégio religioso montesclareense foi um tormento ouvir frases e ler textos que não entendia. Sabia ler, escrever, contar, pesar e medir, habilidades que me bastavam no meu mundo da fazenda e não entendia, muitas vezes, porque isso não mais era suficiente para a vida no espaço que se urbanizava: da missa na igreja Matriz à matinê do cinema dominical; o ler jornais (Globo Juvenil), ouvir rádio (Nacional do Rio de Janeiro)...

A informação se acumulava e as conversas com os amigos na praça da Matriz e com a namoradinha precoce e sua bicicleta de aro curvo, em que só ela e eu podíamos andar, não conseguiam responder a estranheza da linguagem da missa, em Latim; o simbolismo das cantigas de roda; a língua estrangeira nos filmes e a emoção no átimo da entrega à namorada da rosa roubada do jardim cheiroso da Tia Ná. E assim fui virando as páginas da vida.

E a roda da vida me trouxe a Belo Horizonte, ao Prado Mineiro e ao Colégio Tiradentes, onde encontrei o saudoso Coronel e Professor de Português Argentino Madeira. Ai as travas dos olhos começaram a cair quando li na parede do ginásio do CFO uma frase enigmática “nem cora o livro de ombrear-se ao sabre;

nem cora o sabre de chama-lo irmão” e o contato com os livros tomou uma nova direção. Diziam-me ser preciso conhecer, para se comprometer. Anos depois, ultrapassada a barreira do vestibular da UFMG, deparei-me cruzando os umbrais da pomposa Faculdade de Ciências Econômicas que, por definição conceitual da época, abrigava cursos complementares de Administração e Administração Pública, para formar bons gestores e em Sociologia e Política, para formar pensadores e planejadores. Neste último tomei assento numa pequena turma que tinha, dentre outros pensadores, Henrique de Sousa Filho, mais tarde conhecido como Henfil.

Lá maravilhei-me com a primeira grande biblioteca que pude frequentar. E encontrei livreiros mercadizando no hall da Faculdade seus livros novos e usados para vender. Sob orientação de um deles comprei meu primeiro livro: “*Traité de Sociologie*”, de Georges Gurvitch e aí tive que enfrentar o desafio de aprender em uma língua estrangeira o refinado pensamento dos sociólogos franceses e europeus. Mas estava em um Curso onde a Sociologia, como ensinada em Harvard, nos Estados Unidos, falava de uma ciência fática e que iria moldar meu modo de pensar daí para frente.

E comecei a entender a correção do pensamento positivista de Auguste Comte e os ensinamentos de Saint Simon, Proudhon, Marx, Spencer e ninguém menos que Emile Durkheim, minha orientação em Sociologia da Educação, cadeira que lecionei na UFMG. Eles afirmavam que “a extrema complexidade do pensamento sociológico decorre de duas fontes: a) do domínio do real específico que ela explora; b) do método de entender que aplica ao estudo do seu domínio, com uso de tipologia descontinuista como os recursos indispensáveis do pensar dialético”. As duas fontes requeriam a compreensão inquiridora dentro de um domínio: o da Epistemologia. O ser epistêmico

demandaria um esforço de “estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas. Uma verdadeira teoria das ciências”. Foi o que decidi entender e fazer.

E assim, senhores confrades, abriram-se as portas da percepção e a razão e as emoções passaram a regular minha compreensão do mundo, na angústia de olhar no mais perto e buscar ali o limiar do universal. Desde então esse pensar epistemológico me levou a estudar o global em suas múltiplas e complexas dimensões e a pensar e agir no local, nesse complexo universo da sociedade e comunidade, como tipificou Talcot Parsons, fonte em que fui beber no seu próprio contexto social mundialmente dominante no pós-guerra. Nesse contexto me tornei pensador e um historiador iniciante. Especialmente das coisas das Minas Gerais. E a cada descoberta reconhecia que muito mais havia que se descobrir e olhando cada vez mais para o que desconheço, me apaixonei pela noção primeva do ser mineiro: é estar imerso nesse mar imenso da mineiridade. Aqui achei porto e guarida e, por isso, estou no IHG-SJDR e agora nesse tão sofisticado sodalício da MesaMariano, uma Casa do Pensamento Epistêmico que tem como um dos patronos o Prof. Saul Martins, um querido colega professor na UFMG e emérito folclorista.

Espero aprender muito aqui, com a generosidade dos membros dessa MesaMariano e da Fundação Guimarães Rosa que já me distinguiram ao me escolher como membro honorário. Por tudo isso e pela oportunidade de aqui estar, desejo Paz e Luz a todos. Sempre! Bom dia e obrigado pela atenção.

Referência Bibliográfica:

GURVITCH, Georges “*Traité de Sociologie*”, Presses Universitaires de France, Paris, 1958, *Introduction*, pag. 3 (que adquirei usado em 23 de abril de 1965, meu primeiro mês de Faculdade e que ainda ilumina minha biblioteca).